

UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR PARA O BALÉ DE REPERTÓRIO *COPPÉLIA* NO ENSINO DA DANÇA: UM ESTUDO DE CASO

Ana Clara Lima Buratto Silva
Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ)

RESUMO

Esta pesquisa propõe, dentro do contexto educacional brasileiro do ensino de dança, uma maneira interdisciplinar de abordar o balé de repertório *Coppélia*, elegendo-o como conteúdo a ser trabalhado em sala de aula e não apenas como suporte para montagens cênicas, como geralmente acontece nas escolas livres de dança. Para tanto, a discussão é proposta a partir da teoria da Transposição Didática, desenvolvida pelo matemático e didata francês Yves Chevallard. Apresenta-se também como referencial teórico a Abordagem Triangular proposta pela arte-educadora Ana Mae Barbosa. O trabalho foi realizado em 2009 no Colégio Helena Bicalho em Belo Horizonte - MG e orientado pelo professor Dr. Arnaldo Leite de Alvarenga.

Palavras chave: Dança, Ensino, Balé de Repertório, Transposição Didática, Abordagem Triangular.

Como bailarina e professora de dança me aventurei a cursar a graduação em Teatro na UFMG. Durante todo meu percurso busquei justificar minha presença na graduação na procura por um possível trabalho interdisciplinar com a dança e seu ensino, desejo que se concretizou no projeto de ensino a partir do balé de repertório *Coppélia*, desenvolvido no segundo semestre de 2009 no Colégio Helena Bicalho em Belo Horizonte, que ora apresento nesse artigo. Esta pesquisa foi inicialmente apresentada em formato de monografia e orientada pelo professor Dr. Arnaldo de Leite de Alvarenga, docente dos cursos de Teatro e Dança da Escola de Belas Artes da UFMG.

Balés de repertório e sua utilização no ensino de dança hoje

Os balés de repertório são obras tradicionais da dança cênica clássica que dançadas por diversas companhias da atualidade, integram seu repertório. Tais obras possuem uma história, também conhecida como libreto, e para contá-la utiliza-se o movimento dançado e a pantomima. O reconhecimento artístico e as constantes

remontagens dos balés de repertório em diversas partes do mundo garantiram sua longevidade, pois entre aqueles que chegaram até os nossos dias, em sua maior parte, datam no século XIX.

Nos dias de hoje, além das apresentações ao vivo, os registros em vídeo e dvd transformaram-se em um importante meio de difusão dessas coreografias. Antes, para encenar um balé de repertório era necessário contar com o conhecimento prévio, anotações e memória dos coreógrafos e bailarinos. Hoje, um balé pode ser visto e remontado com maior facilidade.

Nas escolas livres de dança os balés de repertório, muitas vezes, se limitam a ser utilizados em festivais de final de ano das escolas e academias. O processo, na maioria das vezes, é simples: elege-se uma versão de uma cia. consagrada e através da cópia a remontagem é realizada. Algumas coreografias são reproduzidas na íntegra, outras são recortadas e coladas aleatoriamente, os personagens são impostos aos alunos e o entendimento da narrativa é quase sempre desprezado, priorizando-se a execução. Assim, os balés de repertório têm seu potencial artístico e educacional reduzidos, pois através do exercício da reprodução sem construção crítica e apropriação por parte dos alunos, estas encenações tornam-se produções descontextualizadas, limitando-se apenas à repetição.

Em face do panorama descrito e das questões levantadas, propus outro modo de abordá-los dentro do ensino dança, na tentativa de ampliar sua utilização como conteúdo em sala de aula. Para tanto, recorri à teoria da Transposição Didática proposta por Yves Chevallard e à Abordagem Triangular desenvolvida por Ana Mae Barbosa.

A Transposição Didática e Abordagem Triangular: breve apresentação

A Transposição Didática e a Abordagem Triangular são propostas complexas. Dessa forma, devido à limitação de espaço do presente artigo, irei apenas apresentá-las de forma breve, ressaltando que não há aqui a pretensão de abranger toda a amplitude das teorias.

O termo transposição didática foi apresentado inicialmente pelo sociólogo Michel Verret em 1975, na sua tese de doutorado *Le temps des études*. Entretanto, quem se dedicou a estudá-lo e teorizá-lo foi o matemático e didata francês Yves Chevallard.

Para Chevallard, a transposição didática acontece em todo processo de ensino, uma vez que existe uma transformação necessária e inerente ao processo educativo que distingue o saber, tal qual ele foi concebido no universo científico, do saber a ser ensinado nas salas de aula. Ou seja, a transposição didática ocorre no deslocamento do saber de uma instituição à outra. (Leite, 2007, p.43)

Assim, dentro do processo da transposição didática, a transformação do saber começa a partir do momento no qual determinado “saber sábio” é escolhido para tornar-se conteúdo a ser ensinado. As mudanças continuam a ocorrer numa esfera denominada Noosfera. A Noosfera é uma esfera social na qual estariam incluídos todos aqueles que direta ou indiretamente participam da escolha dos chamados “saberes a ser ensinados->objetos de ensino”, sejam eles professores, políticos, acadêmicos e integrantes da sociedade em geral, que através de suas crenças e ideias influenciam nas decisões sobre os conteúdos curriculares.

Após a Noosfera, as mudanças do “saber a ser ensinado -> objeto de ensino” continuam a ocorrer dentro da sala de aula. Assim, o processo da transposição se conclui após a efetivação da relação entre professor, aluno e saber, que origina o “Saber Ensinado”, ou seja, aquele que foi realmente aprendido pelo aluno.

Outro referencial teórico é a Abordagem Triangular elaborada por Ana Mae Barbosa (1998). A Abordagem propõe que além da experiência prática, o ensino de Arte deve ser capaz de proporcionar ao aluno experiências de apreciação e de contextualização. E por isso, a prática pedagógica deve pautar-se em três eixos: o apreciar, o contextualizar e o fazer.

O fazer é produzir arte. Relaciona-se diretamente com o domínio técnico da área trabalhada e com a expressividade do indivíduo como artista. O apreciar consiste na habilidade do aluno em conseguir ler a obra de arte; no caso das Artes Cênicas, na capacidade da pessoa em fruir a obra espetacular e de interpretar seus signos. Assim o aluno participa de forma ativa no processo de fruição, colocando suas características pessoais a favor da leitura da obra e posicionando-se, de maneira crítica, em relação ao que está sendo visto. O contextualizar refere-se à necessidade de fornecer ao aluno referências históricas sobre a obra apreciada, não obedecendo necessariamente a uma ordem cronológica, como acontece nas aulas tradicionais de história. Chega a hora de relacionar a realidade do aluno com a da obra.

Dessa maneira, a metodologia para o desenvolvimento das atividades deste projeto foi trabalhada inter-relacionando aspectos do contextualizar, apreciar e do fazer, utilizando estes eixos norteadores como referência para a criação de aulas capazes de abordar os conteúdos propostos e despertar o aluno para a compreensão do balé de repertório e suas múltiplas características, aproveitando-as como recurso para desenvolvimento artístico, criativo e crítico dos participantes.

O Balé de Repertório e a Transposição Didática

Como citado anteriormente, os balés de repertório são utilizados nas escolas livres, tradicionalmente, como recurso cênico para a montagem de coreografias e

espetáculos - sem um aprofundamento nos estudos das características e conteúdos específicos – reduzindo assim seu potencial como conteúdo específico.

Por fazerem parte da tradição da dança, os repertórios são amplamente remontados. Em geral os maîtres de dança que possuem amplo conhecimento, realizam suas próprias remontagens. Os demais professores recorrem a instrumentos como as gravações em vídeo para realizar suas montagens; reproduzindo, muitas vezes com pouco questionamento, modelos pré-estabelecidos, a fim de alcançarem o resultado final esperado: a montagem cênica de determinada obra.

Este projeto não propõe novas formas de remontagem para os Balés e sim, a sua utilização como conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, independentemente da montagem do balé original. Dessa forma, o balé de repertório, estrutura artística complexa, precisa ser repensado para se tornar um conteúdo apto a ser ensinado.

Segundo Chevallard, a Transposição Didática começa muito antes do processo de ensino do saber em sala de aula. Dentro do contexto escolhido, é possível afirmar que o processo da transposição didática do balé de repertório começa quando uma escola formal ou academia reconhece seu valor como expressão artística e decide remontá-lo ou realizar uma versão. Neste momento, o balé de repertório deixa de ser um “saber artístico em dança”¹ para transformar-se em um “saber a ser Ensinado-> objeto de ensino”.

O que nomeio aqui de “saber artístico em dança” é uma analogia ao “saber sábio” conceituado por Chevallard. Por ser uma expressão artística, fruto de intensas vivências sociais (ensaios, montagem, apresentações, remontagens, etc.) pode ser inadequado classificar um balé de repertório como um “saber sábio”.

¹ O termo “Saber Artístico em Dança” foi motivado pela discussão sobre o que seria o “Saber Sábio” definido por Chevallard no campo da Arte/Dança. Entretanto, por ser uma conceituação complexa, não cabe nesta pesquisa aprofundar no tema, trabalho este que pretendo realizar em pesquisas futuras.

Dentro de uma remontagem tradicional, no processo de transposição do balé de “saber artístico” a “saber a ser ensinado ->objeto de ensino”, acontecem apenas transformações necessárias para a obtenção de um resultado cênico final. Desta forma, o balé de repertório não é utilizado como um conteúdo em si e o aluno acaba tendo acesso limitado às dimensões do repertório, sendo privado de conhecer toda a complexa estrutura da obra. Por este motivo, proponho aqui um modo diferenciado de adequação da Transposição Didática para o contexto do ensino de dança, especialmente dos balés de repertório. Esta adequação é necessária, pois não há uma negação de que o processo de transposição didática exista anteriormente, o que existem são diferenças na motivação e nos objetivos escolhidos para transformar o balé de repertório efetivamente em conteúdo.

O objetivo deste projeto é o de transformar o balé de repertório em “saber a ser ensinado -> Objeto de Ensino”, sem o pré-requisito de realizar a montagem cênica tradicional do balé, para poder explorá-lo nos diversos conteúdos que ele contempla.

A Escolha do Balé Adequado para a realização do projeto

Critérios foram estabelecidos para a escolha do balé adequado, considerando que o público alvo era constituído por alunas de 09 a 13 anos. Nesse sentido, o balé de repertório deveria possuir narrativa de fácil compreensão; trabalhar com elementos teatrais de forma clara, considerando a importância da pantomima para a compreensão da obra; e possuir universo que seja próximo do infantil, despertando o interesse dos participantes. Avaliando essas condições, o escolhido foi o balé *Coppélia*², pois: a história é linear e de fácil entendimento, o uso de pantomima e encenação teatral é abundante em

² *Coppélia*, estreou em 1870 na Ópera de Paris, com coreografia original de Arthur Saint-Léon, libreto de Charles Nuitter e de Saint-Léon e música de Léo Delibes. Conta a história do camponês Franz que se apaixona pela boneca *Coppélia*, criada pelo bonequeiro Dr. Coppélius. Essa paixão desperta o ciúmes da namorada do moço Swanilda, o que acarreta numa série de mal entendidos.

toda a obra e, principalmente, conta uma história capaz de interessar ao público infantil, especialmente pela presença de brinquedos e bonecos.

O Balé *Coppélia* como conteúdo

Os elementos presentes no “saber artístico em dança *Coppélia*”, necessários para a realização da obra como espetáculo, precisaram ser compreendidos, analisados e transformados em conteúdos escolares. A partir dessa análise, consideramos os seguintes conteúdos a serem ensinados: a) dramaturgia; b) estudos referentes aos aspectos teatrais da obra, como construção dos personagens, improvisações, exercícios teatrais e construção de cenas; c) apreciação; d) objetos cenográficos; e) figurino; f) cenografia; g) passos de dança; h) coreografia; i) apresentação/espetáculo cênico; j) iluminação (este item não foi trabalhado com as alunas dentro deste projeto-piloto).

Após a definição dos conteúdos, foi decidida a melhor maneira para trabalhá-los em sala, sendo utilizada a Abordagem Triangular e seus eixos: Apreciar, Contextualizar e Fazer, durante as atividades³.

O projeto culminou na apresentação das cenas desenvolvidas pelas alunas para os familiares e direção do colégio com as cinco histórias criadas por elas⁴. O evento contou, ainda, com uma exposição dos libretos feitos pelas alunas e das fotos do processo.

Considerações finais

A discussão sobre o quê ensinar dentro da aula de dança é necessária, especialmente no momento atual no qual a Dança tem ampliado seu espaço de atuação,

³ A descrição detalhada das atividades propostas encontra-se no anexo.

⁴As histórias criadas e apresentadas pelas alunas foram: “A história Maluca da Boneca *Coppélia*”, “Senhora *Coppélia* e suas bonecas”, “A casa de Bonecas”, “A história de *Coppélia*” e “A Bailarina diferente”.

ocupando locais como universidades e escolas formais. Esse projeto não traz inovações ao propor que o balé de repertório *Coppélia* como conteúdo em sala. O que existe de novo é a forma como esta proposta é abordada. A busca então, não é por um novo conteúdo, mas por maneiras alternativas de trabalhar um conteúdo já presente no ensino de dança, porém reduzido a um recurso cênico para montagem de coreografias e espetáculos. Assim, repensar esses os conteúdos principalmente, na forma como tem sido abordados, apresenta-se como uma necessidade dentro do panorama educacional atual, uma vez que a prática pedagógica desta área ainda é muito pautada na manutenção das tradições, contribuindo para que modelos inadequados perpetuem-se no tempo.

Considero a utilização dos balés de repertório como conteúdo em sala uma ótima oportunidade de trabalhar conceitos fundantes das artes cênicas dentro de um processo educativo. Pensando no universo infantil e na realidade, algumas vezes severa do ensino de balé para crianças, objetiva-se essencialmente, propor formas diferenciadas de tratar conteúdos já existentes, que podem transformar-se, dependendo da abordagem, em caminhos mais acessíveis, interessantes e democráticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação pós-colonialista no Brasil: apredizagem triangular. In:

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998 (pp. 30-51).

BERTHOLD, Margot. História Mundial do Teatro. Trad: Maria Paula V. Zurawki, J. Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BOGEA, Inês. Contos do Balé. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

BOGEA, Inês. O livro da Dança. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

BOURCIER, Paul. História da Dança no Ocidente. Marina Appenzeller (Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BRASIL. MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN-ARTE. Brasília, 1997.

LEITE, Miriam Soares. Contribuições de Basil Bernstein e Yves Chevallard para a discussão do conhecimento escolar. Rio de Janeiro, RJ: PUC – Rio, 2004. (Dissertação de Mestrado).

_____. Recontextualização e transposição didática – Introdução à leitura de Basil Bernstein e Yves Chevallard. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007.

MARQUES, Isabel A., Dançando na Escola, São Paulo: Cortez, 2005.

MONTEIRO, Marianna. Noverre – Cartas sobre a Dança. Tradução e notas da autora. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo – FAPESP, 2006.

PAVIS, Patrice. Dicionário de Teatro. Tradução para a língua portuguesa sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo, Perspectiva, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o Teatro. Tradução: Ingrid Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo, Perspectiva, 2003.

ANEXO

Listo abaixo as atividades trabalhadas, em ordem diversa da aplicada em sala.

Enumerei-as desta maneira para melhor demonstrar a utilização da Abordagem Triangular: Apreciação: a) Narração da história do Balé *Coppélia* aos alunos; b) Apreciação do vídeo do Balé dançado pelo Kirov Ballet; c) Contato com fotos de outras montagens do Balé por outras Cias, inclusive contemporâneas; d) Contato com libretos de montagens de diversos Balés.

Contextualização: e) Discussão sobre o que os alunos sabem sobre balés de repertório e se já tiveram a oportunidade de assistir algum; f) Desenvolvimento de um pequeno panorama histórico, discorrendo sobre a origem do Balé como técnica e como expressão artística (balé de repertório); g) Contexto em que os balés eram dançados antigamente e como são dançados hoje; h) Relação entre teatro e dança nessa forma de expressão. Fazer Artístico / Criação: i) Aprofundamento nos aspectos teatrais da obra, trabalhando a improvisação livre das histórias estudadas, a construção dos personagens e exercícios teatrais; j) Criação de uma nova encenação, utilizando os elementos que compõem o balé para contar uma nova história criada pelos alunos; k) Criação individual de um libreto da encenação na qual cada aluna participa.